

RETRATOS E MEMÓRIAS

POEMAS, CONTOS E CRÔNICAS

ELENIR ALVES
Organizadora

SELO
REVISTA PROJETO AUTOESTIMA

ELENIR ALVES

ORGANIZADORA

Copyright © por Autores
Organização: Elenir Alves

Projeto editorial: Ademir Pascale

Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos autores

Obra protegida por direitos autorais

2021

Patrocínio:

www.revistaprojetoautoestima.blogspot.com

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO POEMA, CRÔNICA OU CONTO

Na Pele do Outro, por Augusto Filipe Gonçalves, pág. 05
Sofia foi para o Bosque, por Augusto Filipe Gonçalves, pág. 07
Aroma de Lembranças, por Elessandra Marisa Ferrari Gazola, pág. 10
O Músico e o Bêbado, por Guilherme Tadeu Costa da Cruz, pág. 13
Uma dose de coragem, por Guilherme Tadeu Costa da Cruz, pag. 17
Solidão, por Karla D. Martins, pág. 22
Tinha uma máscara no meu bolso, por Lucas Deporte da Silva, pág. 24
Vazio, por Regina Gonçalves de Freitas Baptista, pág. 26
De Longe, por Waléria Soares, pág. 28
Conheça outros títulos da coleção, pág. 30

Organização, capa e diagramação: Elenir Alves - elenir@cranik.com

VISITE:

www.revistaprojetoautoestima.blogspot.com

www.facebook.com/projetoautoestima

www.instagram.com/revistaprojetoautoestima



“Que a felicidade não dependa do tempo, nem da paisagem, nem da sorte, nem do dinheiro. Que ela possa vir com toda simplicidade, de dentro para fora, de cada um para todos. Que as pessoas saibam falar, calar, e acima de tudo ouvir.

Que tenham amor ou então sintam falta de não tê-lo. Que tenham...”

— Carlos Drummond de Andrade



APRESENTAMOS O POEMA

Na Pele do Outro

Por Augusto Filipe Gonçalves

Augusto Filipe Gonçalves, natural e residente em Penafiel. Jurista de profissão e escritor por vocação. Licenciado em Direito, Pós-Graduado em Ciências Forenses, Investigação Criminal e Comportamento Desviante e Mestre em Ciências Jurídicas, Internacionais e Europeias. Autor do Livro: Sofia, A Visão Poética Filosófica e coautor de diversas antologias em Portugal e no Brasil.

Temos na mundana vivência,
Para uma melhor clarividência,
Não só o outro olhar,
Mas na pele do outro vivenciar,
Sair um pouco de nós,
Pois assim, percebemos,
Assim melhor entendemos,
Seu discurso, a sua voz.

Por vezes não é questão de inteligência,
Não é questão de complexa ciência,
Não é ter mais ou menos competência,
Mas é sensibilidade,
É ver tudo com serenidade,
Seu ângulo de visão,
Para melhor fazer juízo,
Para se conseguir ser mais preciso,
Pois estamos sempre prontos,
A dar opinião.





APRESENTAMOS O CONTO

Sofia foi para o Bosque

Por Augusto Filipe Gonçalves

Augusto Filipe Gonçalves, natural e residente em Penafiel. Jurista de profissão e escritor por vocação. Licenciado em Direito, Pós-Graduado em Ciências Forenses, Investigação Criminal e Comportamento Desviante e Mestre em Ciências Jurídicas, Internacionais e Europeias. Autor do Livro: Sofia, A Visão Poética Filosófica e coautor de diversas antologias em Portugal e no Brasil.

Sofia era uma menina pequenina que vivia numa grande vivenda, com um bosque cheio de árvores verdes, vistosas de tão bonitas que eram.

Certo dia Sofia, diz para Susana, sua mãe:

Mamã, mamã, vou passear de bicicleta para o bosque.

Tem cuidado! – diz Susana, sempre angustiada, quando a pequena Sofia não estava ao alcance do seu olhar.

Está bem mamã! – responde Sofia toda contente

Sofia começa a pedalar entra no bosque e começa a apreciar toda a natureza. Já cansada, senta-se ao pé de uma árvore e pega no seu pequeno bloquinho de notas, que eram mais do que um companheiro, o seu melhor amigo.

Começa a olhar em redor e repara num ribeiro. Fixa lá o olhar e começa a escrever:

Que bonito este ribeiro,

Com água transparente,

Passava aqui o dia inteiro,

Não sei como, mas fico contente.

As horas vão passando e Sofia sem dar conta, pois sentia que o tempo havia parado.

Susana, olha para o relógio e começa a ficar preocupada, pois a pequena Sofia já tinha saído há algum tempo e, ainda não tinha regressado.

Entretanto chega César, pai de Sofia e Susana pergunta:

— Viste a Sofia?

— Não! Por quê?

— A Sofia foi para o bosque e ainda não voltou e, já está a escurecer!

César, pai preocupado, mas sem querer preocupar ainda mais Susana diz:

— Calma, deve-se ter distraído com as horas.

Trrrrriiiiiimmmmm, triiiiiiiiiiiiiiiiimmmmmmmmm, tocam à porta.

Sofia, aonde é que te meteste? – pergunta Susana aflita

Já ia à tua procura! – diz César com ar de reprovação

Oh, comecei a pedalar, a pedalar, cada vez com mais força e quando cheguei ao bosque descansei. – diz Sofia ofegante

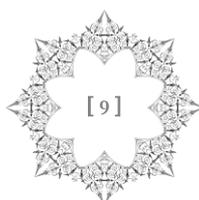
Não voltes a ir para tão longe tanto tempo! – diz Susana

Pronto, tudo está bem, quando acaba bem! – diz César de forma a tranquilizar quer a mãe, quer a filha.

Está bem mamã, desculpa! Não te queria preocupar! — diz Sofia

Bem, agora vamos jantar, pois todos precisamos de sossegar um pouco. — diz Cesar

Juntaram-se os três à mesa, já em clima de harmonia, pois o passeio de bicicleta a Sofia e a preocupação de Susana e de César abriu o apetite a todos.





APRESENTAMOS A CRÔNICA

Aroma de Lembranças

Por Elessandra Marisa Ferrari Gazola

Elessandra é uma professora de Educação Infantil, Pedagoga, Pós-graduada em Psicopedagogia e Gestão. A partir das experiências de chão de sala e de vida pessoal está dando asas aos sentimentos que a vida lhe proporciona, alimenta-se dos acontecimentos para dar sentido aos seus escritos. Tem um livro infantil publicado : "É uma bruxa?" e está sempre escrevendo contos, poemas, onde coloca seus sentimentos.

Hoje, o caminho do trabalho estava especialmente diferente!
 Ao entrar no carro, à procura do crachá da empresa, encontrei uma pulseira feita com pequenas contas de madrepérolas, tendo como pingente uma lágrima dourada gravada em seu centro uma letra f, de fé. Imediatamente lembrei-me das mãos de minha mãe me segurando pelo braço enquanto caminhávamos para as comemorações de final de ano da escola... aquela pulseira representava na verdade... felicidade.

Dirigindo calmamente, a parada no semáforo foi providencial, era bom demais poder fechar os olhos e imaginar a cena... o êxtase do momento foi quebrado pelo aroma que adentrou sem pedir licença o interior do veículo... cheirinho de um bolo de fubá quentinho, não era comum, era diferente... tinha essência, tipo de baunilha, mas era especial, essência de vó! Imediatamente soltei dos braços de minha mãe e me vi na cadeira de madeira, que ficava ao lado de um pé de primavera na varanda da casa da vó rosa, o pratinho bordado com pintura delicada de pequenas margaridas e aquele imenso pedaço de bolo fumegante de amor... e ao lado um raminho verde de alecrim para decorar, era incrível!

De repente, o ramo de alecrim, me fez buscar o semáforo, já com sinal esperança me comunicando a hora da despedida do sereno lugar...

Pura sinestesia neste trajeto!

A empresa destino já podia ser avistada ao longe quando um som familiar me atraiu para uma bicicleta que vinha apressadamente, com tilintar de rodinhas de apoio, o farfalhar por entre as folhas caídas daquela enorme paineira me levaram ao dia em minha filha estava aprendendo a andar de bicicleta, presente de aniversário de 4 anos...

Os movimentos circulares da roda causaram certo hipnotismo, como uma passageira da máquina do tempo, as mãos no volante do carro se fundiram às daquela mãe que ansiosa auxiliava sua filha, seu maior tesouro.

Parei, pensei e me senti verdadeira viajante que passa por diversos lugares, turistando e colhendo de cada lugar objetos, artefatos e lembranças... diferente de posses visíveis, as minhas eram na memória, no coração e me senti pessoa mais rica do mundo, mais protegida e poderosa em poder conhecer valores, pessoas e detalhes que a distância jamais poderia tolher ou consumir... minha história estava gravada no caminho da vida.





APRESENTAMOS O CONTO

O Música e o Bêbado

Por Guilherme Tadeu Costa da Cruz

Guilherme é alguém que está de passagem, aprecia ciência, arte, literatura e poesia. "Aparelhado para gostar de passarinhos". Residente da cidade Volta Redonda, no estado do Rio de Janeiro. Amante da vida e do universo.

Encostado na prateleira de doces da fila do caixa de 15 volumes, quando abordado pelo senhor de cabelos grisalhos, olhos fortes, óculos de lentes retangulares, grossas, de máscara no queixo, me interpelava com a clara intenção de estimular um diálogo, já era de se notar, (afinal no momento em que eu me dirigia à fila ele vinha, afoito, segurando 4 latas de cerveja, falando alto, algo que eu não conseguia ou não queria interpretar), tocava Djavan ao fundo, eu tentava apreciar as suaves melodias, quando ele interrompe o musicado, questionando: “Conhece Djavan?”, lhe respondi afirmativamente, ao passo que ele interrogou a minha idade. “Tenho 21” - disse, em segundos ele olhou fixo para algo, como se a resposta pronta que tivesse não pudesse mas ser utilizada e agora procurava uma outra justificativa que pudesse prosseguir a conversa ou, pelo menos, um monólogo, quando confirmou que a encontrou, comentando que Djavan é para todas as idades e se intitulou músico – me interessei na conversa por este ponto, minha intenção não era ignorá-lo, mas tinha a esperança de, com respostas monossilábicas ou vazias ele pudesse ir encerrando seu discurso, mas ao afirmar que era músico sabia que tinha perdido a batalha do silêncio e lhe dei ouvidos- quando prosseguiu afirmando que era autodidata, neste momento esbocei um leve sorriso que felizmente não foi captado por ele, porque eu usava máscara, quando recordei de Quintana “Autodidata é um ignorante por conta própria”, enquanto ritmava esse verso do poeta na minha cabeça, percebi que acabava ignorando o senhor que, impulsionado pelas cervejas apreciadas em outro local, cada vez mais se aproximava de mim e continuava a conversar, enquanto destrinchava os instrumentos de que tinha a habilidade de tocar, empolgou-se a ponto de soltar uma frase extremamente melodiosa: “Não sei viver de outra forma, eu vivo de emoção”, naquele momento eu sabia que estava falando com o músico e não mais com o bêbado, como alguém que é capaz de se afinar com os instrumentos, reverberou no meu coração e me trouxe a memória o próprio Drummond “ando meio de banda porque carrego meus mortos do lado esquerdo do peito” (eu teria a ousadia de acrescentar que carrego também meus vivos), eu percebi aquele tesouro, ritmado nas suas palavras, no meio de tanta história e confusão.

Conforme o tempo passava e minha angústia aumentava em somente querer finalizar as compras e ir para casa, mais ele desenlaçava uma história a procura de ouvintes, eu pensava comigo o quanto a solidão pode ser grande a fim de que tu guardes histórias que crês que jamais contará a alguém. Possivelmente, penso, se ele um dia se perguntou aonde ia o silêncio dele quando não dizia aquilo que queria dizer, ele agora obteve sua resposta, claro, se percebeu. Em tímidos gestos eu tentava desviar da mão do companheiro que gesticulava com ardor, uma vez que queria evitar, por medidas sanitárias, qualquer contato físico e, em um momento de descuido que acabei sendo tocado, ignorei por completo em minha consciência os balbucios do senhor, que não cessava sua palestra, para substituí-la pelo fato de que fui tocado no ombro e precisava tomar um banho ou passar álcool naquele local. Até que em síncope momento retornei para o diálogo com aquele que matraqueava e, em momento de dor, acabou me revelando que toda sua família é de músicos e respeita e honra um de seus irmãos, que faleceu, não mais utilizando o instrumento que ele tocava: o violoncelo, uma lágrima escorria tímida de seu olho esquerdo enquanto me contava, como se nela estivesse escrito todo o roteiro do filme que passava sobre sua cabeça. Minha concentração se voltou para o fato de: se sua alegria exuberante, tão bem escancarada pela bebida, que foi aproveitada pelo não enfrentamento de uma solidão que o fez se perceber, não era simplesmente uma máscara para alguém que tentava esconder de si e dos outros a emoção que lhe era dominante? Afinal, ele era artista e todos sabem que a emoção é veículo da arte, talvez o estúdio dele aguardava uma das letras ou melodias mais bonitas, quem o sabe? Talvez... nem ele.

A funcionária do caixa gritou “próximo”, vi que era a minha vez e continuava matutando se haveria alguma dor escondida que precisava ser revelada, mas imaginava que, como artista, ele saberia convertê-la, seja em acordes ou notas, aqueles silêncios e aqueles vazios iriam deixar de transbordá-lo como bêbado para torná-lo, finalmente, músico. Enquanto empacotava e pagava minhas compras, fitei-o mais uma vez, ele dirigiu-se ao caixa antes da solicitação da atendente, referiu-se a ela como uma velha conhecida que lhe pedia para ajeitar a máscara, brincou com outros jovens que estavam à fila, olhou-me uma última vez e se despediu dizendo “Até mais, gente boa”. Fui embora pensando nisso tudo, pensando

se havia realmente o escutado, ou absorvido somente o suficiente para escrever este texto e, enquanto cruzava a porta de saída do mercado, era possível ouvir bem ao fundo, nos acordes finais, a letra melodiosa: “Eu levo a sério, mas você disfarça...”





APRESENTAMOS O CONTO

Uma dose de coragem

Por Guilherme Tadeu Costa da Cruz

Guilherme é alguém que está de passagem, aprecia ciência, arte, literatura e poesia. "Aparelhado para gostar de passarinhos". Residente da cidade Volta Redonda, no estado do Rio de Janeiro. Amante da vida e do universo.

Fugindo da chuva, ligeiramente molhados, Jonas com cabelo encharcado e eu com a gola da camisa enxovalhada, arrastamo-nos para um bar, quando ouvi, para minha (in)conveniência – sou muito indeciso- a pergunta de Jonas “Vamos parar nesse bar aqui mesmo?” seguindo o caminho acabei respondendo “Pode ser, não me importo pra onde vou” e tive como réplica “Pior que não saber de onde vem é não saber pra onde vai”. Já tinha me acostumado com meu amigo e sabia que vez ou outra ele soltava uma dessas, afinal um filósofo sem retóricas não é um filósofo e, às vezes, pouco se importava com o que pensariam do que dissesse. Sentados enquanto conversávamos demoradamente e alternávamos entre uma golada no colarinho e uma recordação gostosa, atentei-me ao fato seguinte: um rapaz, um pouco alto, cabelo molhado assim como a barba (um pouco falhada), caminhava – não sei dizer ao certo a razão – em baixo do dilúvio desavisado que despontara, precisamente, às 10:15 horas da manhã daquela quinta nublada. Por algum motivo fixei minha mirada no mesmo e quedei-me perpetrado até que, depois de certo tempo, virei meu olhar e percebi que todos haviam feito o mesmo e, de repente, tive uma catarse.

Dos estalos repentinos que nos costumam ocorrer, intrigante foi este: não temos medo do desconhecido ou do perigoso, temos medo da coragem, sim da coragem. Curioso, não?! Os que nos cercam podem efetivamente averiguar o contrário em suas múltiplas e facetadas experiências de vida, entretanto, não querendo contrariar o empirismo, o convite se torna a reflexão do medo consciente. É óbvio que ao ouvirmos algum barulho provindo de um local escuro, que nos pareça estranho, sentiremos um calafrio tendencioso, que sentiremos nosso coração bater mais rápido ao ouvir tiros ou ficaremos receosos com uma situação de perigo iminente, pois não é destes calafrios que temos a nos indagar.

Os questionamentos referentes voltam-se aos olhares apressados e julgadores para um menino que enquanto todos (embora voltando da praia) se escondiam da chuva, ele caminhava, olhando para os céus, como algo que lhe desse um pouco de frescor ante a uma seca duradoura em sua vida. Olhares esses desafiadores, afinal o que é mais desafiador que por à prova o senso comum?! Talvez nestes mesmos pontos focais

estivessem inscritos os inúmeros atos/conversas/brincas recebidas durante anos de que “vai ficar gripado”, “pode se resfriar” ou “foi assim que seu tio pegou pneumonia e morreu”, os olhos não miravam o poema que o menino fazia enquanto caminhava feliz pela chuva, porque fixados a múltiplas ideias se fecharam a qualquer poesia que o momento pudesse lhes trazer, como corações cheios de areia que se recusam a qualquer nova chuva de amor. Era de se reconhecer aqueles olhares, eram os mesmos endereçados a alguém que mesmo errando inúmeras vezes, não desiste, que assume sua orientação sexual, que faz um discurso convidando ao amor em tempos de cólera, que muda sua alimentação, que resiste, - são loucos, vagabundos, escória da sociedade - assim são chamados porque tornaram-se aquilo que seus juízes ainda não conseguiram ser: corajosos.

O que mais amedronta, embora existam os insondáveis perigos cotidianos, não é a ameaça iminente, mas a coragem resplandecente, a ideia de crescer em seus próprios ideais, de se aceitar por si mesmo sem a correspondência dos que lhe veem/ouvem ou falam causa medo, porque, em regra geral, a coragem é muito mais ameaçadora que balas, as últimas, por sinal, são usadas apenas para que a primeira não continue existindo (pobres tolos, ideias e sentimentos não são da vida como algo pertencente a ela, mas propriamente ela), tudo que evolui, se modifica, precisa do primeiro passo, da tentativa, da persistência, desde os unicelulares aos mais complexos organismos conhecidos. As revoluções, filosofias, ciências, artes foram, obviamente, escritas nas longas e tortuosas contrações da gestação da humanidade que vive parindo a si mesmo, mas a coragem foi e continua sendo o suspiro necessário para um novo ser de criações e o leite para seu prosseguimento.

O menino andando na rua era apenas um menino, um jovem, talvez triste, mas, com certeza, corajoso e motivado pelo sentimento de descobrir, descobrir aquilo que há dentro de si e, possivelmente, a chuva foi o refrigerante em sua retífica de pensamentos, porque um dia (pelo menos não naquela hora) ele buscou ser aceito, pode ter escrito um texto ou, quem sabe, um poema, mas ficou com vergonha de postar por medo do que iriam achar, ele só não entendeu que o problema de ficar frenético na questão do que vão

achar do que faz é, muita vez, ficar perdido em si mesmo, tentando achar algo que lhe diga mais que um mero texto. Provavelmente foi rejeitado pela namorada ou não conseguiu aquilo que tanto almejava – ahhh, menino, a coragem também está em aceitar que as situações ruins existem e que temos capacidade seguir em frente, afinal coragem não é para os fortes, quão forte alguém seria sem ter nenhuma fraqueza?!

A coragem não é mãe da indisciplina, mas deve ser sempre companheira da responsabilidade, como quem lhe dá as mãos e diz que se o que temos a oferecer é vantajoso para o bem comum (mesmo que esteja contra o senso comum) devemos oferecê-lo, no hospital terrestre os próprios pacientes e médicos se distinguem somente pelo dinheiro e como se vestem (como se isso os fizessem superiores), mas todos tem algo a ofertar a fim de tratar a doença. Os médicos, dos diversos, que atravessaram o mundo cada um com suas corajosas técnicas de tratamento, alguns escrevendo, outros pintando, discursando, limpando, administrando, resistindo, amando, servem como motivo de continuar a caminhada, como trampolins da coragem a nos encaminharem nas dificultosas veredas da vida. Mas, receamos porque dar um passo à frente exige o desconhecido, exhibe pra nós as consequências futuras, pede-nos encarar os olhares sem compreender que, embora as críticas ser-nos-ão importantes à medida que nos constroem dos que sinceramente tem esse desejo, os verdadeiros olhares aterradores são da consciência que se desnuda e cada vez mais pede que nos movimentemos, que saiamos do útero onde sempre estivemos protegidos e, como qualquer parto, todo primeiro passo dói, mas a pior dor é viver no medo de não dá-lo.

O menino agora atravessava a rua enquanto alguns poucos continuavam a encarar-lhe o fato de estar com a blusa molhada e continuar caminhando – entretanto, do que lhe adiantava parar agora?!- o necessário era buscar se secar, ele continuava a caminhar em uma direção, uma meta traçada. - Naquele ponto entendi- ele não era simplesmente alguém a caminhar, representava verdadeiramente todos nós e nossos anseios, levava com ele nossos olhares de susto e desaprovação e deixava conosco a vontade firme de falar (com devido cuidado) o que deveríamos ter dito a muito para fulano, de comprar (com displicência) o que tantos queríamos, mas tínhamos vergonha, deixava o rapaz a firme

vontade de sermos nós mesmos e a coragem de nos parirmos, mais uma vez, de nós mesmos, de deixarmos a chuva cair, acima de tudo, deixá-la molhar. Afinal, a coragem não é algo que se toma ou se pede, como gostaria de chegar à mesa e pedir “Uma dose de coragem, meu consagrado”.

Depois de emergir de meus pensamentos voltei minha face em direção a Jonas e, finalmente, respondi-lhe: “Vamos sair? A chuva parou e queria caminhar na praia” Ele concordou comigo e, no momento que ele levantou-se (logo após termos pagado o garçom), ficou curioso em sabermos pra onde iríamos, naturalmente respondi-lhe que “Na direção do farol” Ele sorriu pois percebeu que a frase dita antes havia feito efeito e comentou “Agora sabemos pra onde vai” e, finalmente, lhe disse “Podemos saber de onde viemos, para onde vamos, mas isso pouco importa senão dermos o primeiro passo pra sairmos de onde sempre estivemos”. A ordem do jogo virou e agora ele, talvez, fosse ele a esperar que alguém atravessasse seu caminho e lhe enchesse de coragem pra me responder o que havia refletido.





APRESENTAMOS O CONTO

Solidão

Por Karla D. Martins

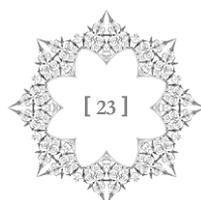
Sou professora da Universidade Federal de Viçosa há 20 anos, atuo nas área de História do Cristianismo, Ocultismo e escrevo poesias e prosas sobre assuntos dessa natureza. Para mais informações: ID Lattes: 5951025586573656

Sendo eu filha do infortúnio
Rebento de forma desgraçada
No Éden a perversão me enlaça
Jogando-me no silêncio escuro.

Quem cedo a dor experimenta
Ergue os olhos firmes ao eterno
Pede clemência na borda do inferno
Das profundezas do maldito ecúmeno

Luz que envolve delgadas formas
Do teu aroma sobrou a lembrança
De vagos sonhos da meninice
Revigora a doce esperança.

O amor insiste e se despede
Segue o caminho do vale frio.
Leva ao último suspiro juvenil
Na pedra de mármore adormece.





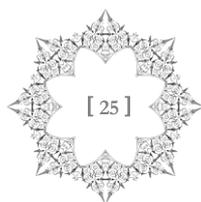
APRESENTAMOS O CONTO

Tinha uma máscara no meu bolso

Por Lucas Deporte da Silva

Sobre ele, difícil refazê-lo em sete linhas, completamente profundo, descrevendo-se inquieto, talvez em sete horas, sete dias ou em sete anos consiga o descrever por inteiro.

O vento assoprou
A mudança chegou
Dançando sozinho, isolado, sentado
O sorriso em estar em casa
Tornou se agonia, que ironia
Dobrou a esquina virou teimosia
Essa vivência não temia, pois não a previa
Fugia do risco invisível que a perseguia
Pela qual nossa fragilidade ele exibia
Se encontrou no breu da noite
Desanimada quase abandonada
Lavando sua máscara mal amada
Pensou formal, pandemia sinônimo do mal
O sol brilhou, ela levantou e o café tomou
Saiu, desceu e tropeçou
Mas o cadarço amarrou
E o casaco ela pegou
Preocupações entre emoções
Ofegante, distante
No espelho observou
A máscara largou
Porém, no bolso constatou
A máscara ela encontrou





APRESENTAMOS O POEMA

Vazio

Por Regina Gonçalves de Freitas Baptista

Regina Gonçalves de Freitas Baptista, nascida em Dracena, cidade bucólica do interior de São Paulo, herdeira da falecida mãe Rozalina e do pai Manoel, o amor pela poesia.

Hoje aos 50 anos, reside em Americana, onde vivo com o esposo Paulo, seis gatos e uma cadelinha.

Trabalha na Escola Senac, e desde adolescente sou apaixonada por música alternativa, e pelos autores do ultrarromantismo.

Bem humorada, nas horas vagas gosto de postar memes, cozinhar, fotografar, ler e ver filmes.

Nas minúcias

Dos traços

Do teu rosto

Vi as marcas

Do desgosto

Eras triste

Fatigada

Eras cisne

Sem as asas





APRESENTAMOS O POEMA

De Longe

Por Waléria Soares

Em São Luís nasceu e se formou em Matemática e Artes Visuais. Partiu para São Paulo, tornou-se Pedagoga, Mestre em Matemática e Doutora em Ensino de Ciências e Matemática. Retornou a sua terra natal. Ela é o que leu e lhe cativou, é razão e emoção. Ela é poesia.

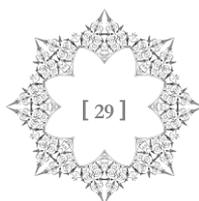
Eu lhe vejo de longe
Eu lhe espero todo dia
Eu sei que você não vai voltar.

Eu sei onde você está
Mas não sei como lhe esquecer
Nem como não pensar
Nem como vou viver
Sem seu amor para sobreviver.

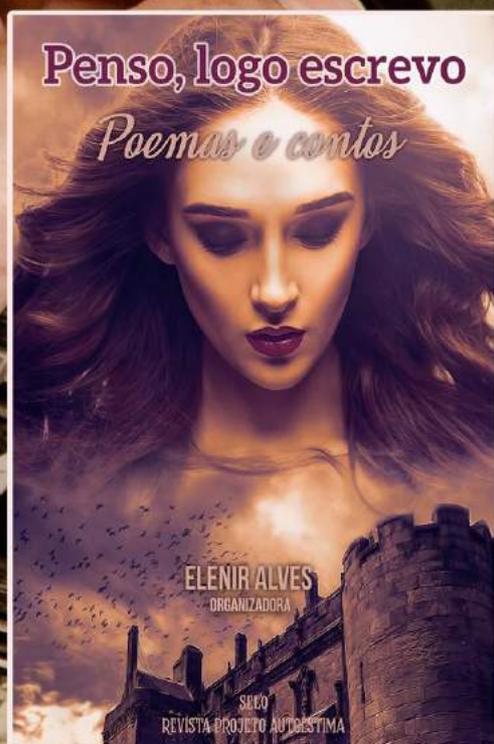
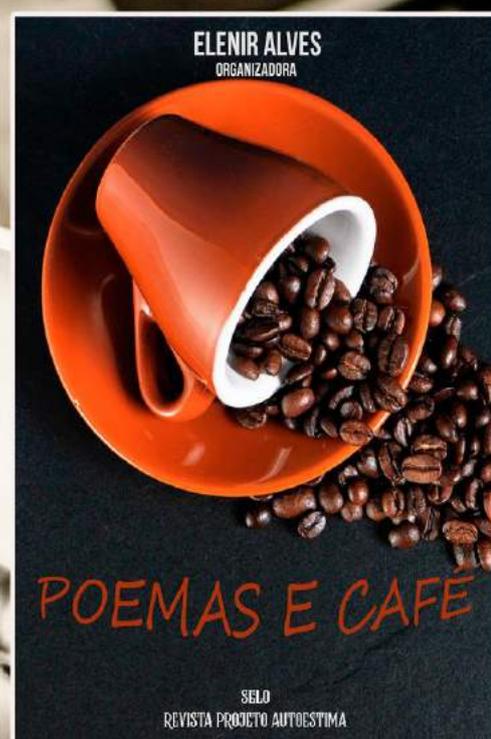
Perdoe, perdoe-me...

Meu amor teria cura?
Ele ainda é pedra bruta.

Eu lhe vejo de longe
Eu lhe amo cada dia mais
Eu sei que você não me quer mais.



CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO



BAIXE OS E-BOOKS GRATUITAMENTE: CLIQUE SOBRE A CAPA

VISITE: WWW.REVISTAPROJETOAUTOESTIMA.BLOGSPOT.COM

CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/PROJETOAUTOESTIMA

WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTAPROJETOAUTOESTIMA

E-MAIL: ELENIR@CRANIK.COM

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI